

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO  
III SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FESPSP

**FORMAÇÃO DAS MASSAS E AS REDES SOCIAIS: ANÁLISES DAS  
MANIFESTAÇÕES PELA REDUÇÃO DA TARIFA NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Pesquisador: Alexandre Ramos dos Santos  
[alexandresociologia@usp.br](mailto:alexandresociologia@usp.br)

Orientadora: Profª Drª Regia Cristina de Oliveira  
[rcolira@yahoo.com.br](mailto:rcolira@yahoo.com.br)

## RESUMO

A presente pesquisa buscou analisar as manifestações que ocorreram na cidade de São Paulo, no primeiro semestre de 2013, a partir de duas perspectivas. Na primeira, utilizou-se como base a obra de Sigmund Freud, *Psicologia das Massas e análise do Eu*, na tentativa de entender o movimento ocorrido a partir de um enfoque psicológico. Em seguida, mesmo fenômeno foi observado utilizando autores dos Estudos Culturais e suas obras de referência. Com o objetivo central de possibilitar um enfoque mais amplo, partindo do mesmo fato, o trabalho constatou que os Estudos Culturais contribuem em muito para um diálogo interdisciplinar, possibilitando enriquecimento das análises sociais para além de teorias específicas, que muitas vezes leva a um empobrecimento das discussões a respeito dos movimentos que ocorrem na sociedade contemporânea. Dentro do trabalho, foi abordado o papel que as redes sociais da internet desenvolveram na constituição dos eventos analisados, em particular, a repercussão e os usos das redes sociais Facebook e Twitter. Com isso, a pesquisa procurou contribuir para uma questão atual importante, a saber, qual o papel que as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) exercem e como elas podem colaborar para ampliação de eventos como os que motivaram as manifestações pelo fim do aumento na tarifa de ônibus.

**Palavras-chave:** Redes sociais; Identidade, Cultura de Massa; Facebook; Twitter; Estudos Culturais.

## **A Revolta do Vinagre: um resumo dos fatos**

*“Realmente, esses revoltosos de classe média não valem R\$ 0,20”<sup>1</sup>*

Durante as manifestações ocorridas em São Paulo, que duraram cerca de vinte dias<sup>2</sup>, foi possível perceber um aumento crescente a cada novo ato organizado pelo Movimento Passe Livre (MPL). Das 2.000 pessoas que estavam envolvidas na primeira manifestação no dia 06 de junho, passou-se para 100.000 pessoas na sétima manifestação. Esta última organizada para o dia 20 de junho, antes da revogação do aumento das tarifas, mas, mantida mesmo após o anúncio da redução da tarifa, no dia 19 de junho, ao valor original (R\$ 3,00).

Ao mesmo tempo, os protestos se espalhavam por várias capitais de todo o país e em outras cidades, inclusive em locais onde o MPL não possuía representantes. Milhares de pessoas foram às ruas protestar, por diversos motivos, muitos deles relacionados aos fatos atuais da política nacional, mas, que em geral, revelava uma insatisfação em relação à situação do país.

Em meio a um campeonato internacional de futebol, sediado no Brasil e promovido pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA)<sup>3</sup>, os principais meios de comunicação tiveram que se adequar à natureza inesperada dos eventos, a saber, uma competição internacional, transmitida para diversos países e uma série de protestos espalhados por todo o território nacional, sem causas ou motivações pré definidas.

A postura inicial dos meios de comunicação foi conservadora diante dos acontecimentos, como é possível verificar nos exemplos abaixo:

*“Vandalismo marca ato por transporte mais barato em SP”  
Primeira Página, Jornal Folha de S. Paulo, 07/06/13*

*“Manifestantes causam medo, param a marginal e picham ônibus”  
Primeira Página, Jornal Folha de S. Paulo, 08/06/13*

*“Contra a tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista”  
Primeira Página, Jornal Folha de S. Paulo, 12/06/13*

*“Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos”  
Primeira Página, Jornal Folha de S. Paulo, 14/06/13*

---

<sup>1</sup> Frase dita pelo comentarista Arnaldo Jabor, pela televisão. Dias depois ele desculpa-se pelo equivoco, apoiando o movimento, em um programa de rádio. Disponível em: <<http://youtu.be/luLzhtSYWC4>>. Acesso em: 16 de Jun. 2013.

<sup>2</sup> O presente artigo abrangerá as informações sobre as manifestações ocorridas na cidade de São Paulo, lideradas pelo Movimento Passe Livre (MPL) e que tiveram como motivador central o aumento da tarifa do transporte público da cidade de R\$ 3,00 para R\$ 3,20.

<sup>3</sup> Copa das Confederações

*“Protesto contra a tarifa acaba em caos, fogo e depredação no centro”  
Portal do jornal O Estadão, 07/06/13*

Com a adesão maior de pessoas aos protestos e a ação violenta da polícia, as mídias televisiva e impressa se viram obrigadas a alterar suas posturas diante dos fatos, mediante dois fatores: a) a ação violenta na Avenida Paulista, durante a quarta manifestação, que resultou em cerca de 20 jornalistas feridos, com os tiros de balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e até mesmo prisões, muitas, devido ao porte de vinagre<sup>4</sup>; e, b) o acompanhamento dos fatos através das redes sociais da internet, entre elas o Facebook e o Twitter. Esse último fator resultou no apoio e na adesão cada vez maior ao movimento.

Dois exemplos servem para ilustrar o poder das redes sociais diante dos acontecimentos: o primeiro refere-se a enquete enviesada proposta pelo jornalista do programa Brasil Urgente, José Luiz Datena, que perguntou aos telespectadores se eles eram a favor dos protestos. Diante da posição favorável do público, o jornalista se irrita e propõe mais uma enquete, dessa vez, perguntando se os telespectadores eram a favor dos protestos com baderna. Novamente, o “sim” é votado pela maioria. No segundo exemplo, o colunista do Jornal da Globo, Arnaldo Jabor, expõe suas críticas às manifestações, afirmando que os participantes não valiam os R\$ 0,20 reclamados. Dias depois, o colunista vai a uma rádio se desculpar pelas declarações.

Pensar o papel das redes sociais nesses episódios é fundamental, diante de uma cobertura enviesada dos principais meios de comunicação que, denomina como notícia, os fatos que ela seleciona para chegar aos telespectadores ou ouvintes. Segundo Milton Santos, fábulas ou/e mitos são construídos, isso porque as mídias nacionais se globalizam, criando uma interpretação que corresponde aos interesses de mercado (SANTOS, 2004, p. 40).

Em um contexto onde o país sediava um campeonato internacional (Copa das Confederações) e vive às vésperas de dois outros grandes eventos internacionais - a Copa do Mundo e as Olimpíadas -, e tem como patrocinadores as empresas globais, a tensão gerada pelos movimentos pautou a postura da mídia.

Nesse contexto, as redes sociais gozam de certa independência e agilidade na transmissão dos fatos. Em minutos, milhares de informações textuais, vídeos, áudios,

---

<sup>4</sup> O produto foi utilizado para impedir os efeitos provocados pelas bombas de gás lacrimogêneo, devido a isso, algumas prisões foram realizadas somente pelo porte do produto. Não demorou muito para que, nas redes sociais, surgissem denominações com “A revolta do vinagre”.

imagens, permitem às pessoas uma independência em relação aos veículos tradicionais, demonstrando a assimetria entre mídia tradicional e as redes sociais (MALINI, 2013).

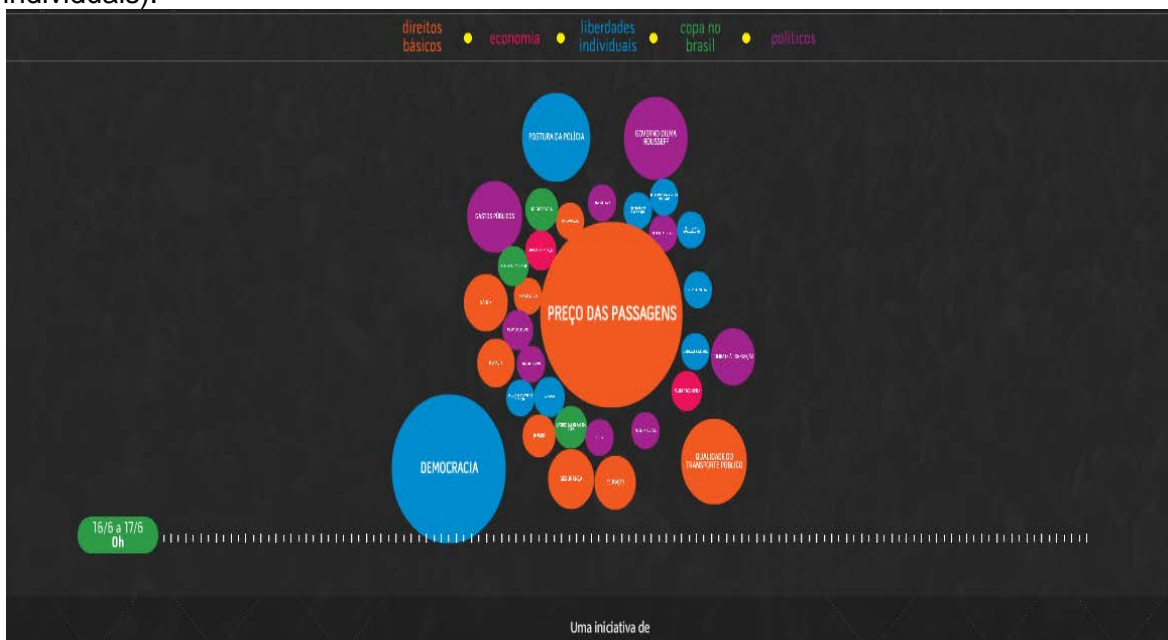
### As redes sociais e a formação das massas

“Saímos do Facebook”<sup>5</sup>

A maneira repentina como o povo resolveu sair às ruas, para se manifestar, envolve uma complexidade que impossibilita enxergar a situação por um único caminho. Fato é que, mesmo os organizadores do MPL certamente não esperavam tamanha repercussão. Em muitas localidades, os protestos ocorriam por formação espontânea, tendo sempre como *meio* as redes sociais. Em pouco tempo, grupos começaram a agendar suas manifestações, em diversos bairros.

Na *figura 1* temos um gráfico gerado pelo site Causa Brasil<sup>6</sup>, a partir dos assuntos mais comentados entre os dias 16 e 17 de junho. Os termos foram divididos em subáreas como: direitos básicos (laranja); economia (vermelho); liberdades individuais (azul); copa do Brasil (verde); e, políticos (roxo).

O “preço das passagens” com 27,66% (direitos básicos); seguido de “democracia”, com 15,43% (liberdades individuais); e, “postura política” com 9,15% (liberdades individuais).



**Figura 1**

Na *figura 2*, há um gráfico com os assuntos mais comentados nas redes sociais, entre os dias 19 e 20 de junho. Os temas mencionados se ampliam, incluindo questões mais

<sup>5</sup> Inscrição em vários cartazes durante as manifestações.

<sup>6</sup> O site gera gráficos a partir dos itens mais procurados na internet, através de sites como Facebook, Google, Twitter, Instagram e YouTube. Link: <<http://www.causabrasil.com.br/>>. Acesso em: 22 de Jun. 2013.

gerais como “qualidade do transporte público”, “segurança”, “saúde”, “combate à corrupção” e “governo Dilma Rousseff”. Todos esses assuntos alcançando entre 6.5% e 9.98% das menções através das redes sociais. Resumindo, a questão dos transportes ficou em segundo plano, dando espaço para outros temas de insatisfação dos internautas.

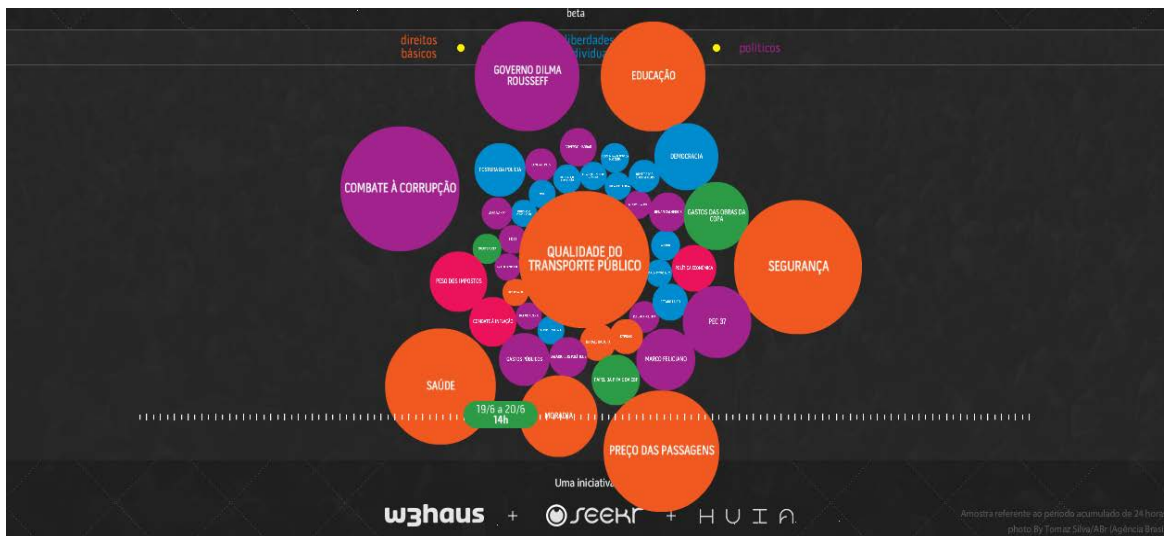


Figura 2

Outros dados possibilitam confirmar uma diversidade de reivindicações que povoou as manifestações, entre dos dias 06 a 21 de junho. Os gráficos da *imagem 3* são do Instituto Datafolha<sup>7</sup>, que se refere a uma pesquisa realizada com 606 moradores da cidade de São Paulo, no dia 21, após o anúncio da redução da tarifa. O favorecimento às manifestações é demonstrado pela maioria, com 66% de pessoas considerando que elas deveriam continuar.

Ao perguntar sobre os assuntos, o resultado da pesquisa revela uma consonância com os dados apresentados pelo site *Causa Brasil*. Novamente, temos uma série de assuntos sendo colocados em pauta, que fogem da questão dos transportes. Saúde, educação, corrupção e segurança pública aparecem entre os assuntos mencionados pelos entrevistados

<sup>7</sup> Informações disponíveis em: <<http://migre.me/fgscE>>. Acessado em: 23 de Jun. 2013.

## Os paulistanos e os protestos

### DATAFOLHA SOBRE AS MANIFESTAÇÕES

Em São Paulo, dois a cada três entrevistados são favoráveis à continuação das manifestações

As manifestações após a redução da tarifa dos transportes devem continuar?

**66%**  
Deveriam continuar

**34%**  
Deveriam parar

Avenida Paulista deve ser rota das manifestações?

**26%** Não

**72%** Sim

Não sabe 1%

Agora, qual deveria ser a principal reivindicação?  
Resposta estimulada e única (em%)



Avaliação sobre a decisão da tarifa por parte do governador e do prefeito (em %)

Agiram bem porque essa era a vontade da população 84

Agiram mal porque isso poderá gerar mais protestos 14

Não sabe 2

Avaliação ótima ou boa dos governantes (em %)



Perfil dos entrevistados

Renda mensal em salários mínimos

Até 2	31%
Entre 2 e 3	23%
Entre 3 e 5	18%
Entre 5 e 10	16%
Entre 10 e 20	5%
Entre 20 e 50	1%
50 ou +	1%
Não diz/sabe	4%

Escolaridade média

Fundamental	30%
Médio	45%
Superior	25%

Fonte: levantamento feito pelo Datafolha em 21.jun.2013. Foram realizadas 606 entrevistas com moradores de todas as regiões da cidade de São Paulo. As entrevistas foram realizadas após o anúncio da redução da tarifa do transporte que ocorreu no dia 19, à noite, e antes do pronunciamento da presidente sobre as manifestações. A pesquisa possui margem de erro máxima de 4 pontos percentuais para mais ou para menos considerando um nível de confiança de 95%.

Figura 3

Numa análise tímida e parcial sobre os acontecimentos, é possível verificar que, apesar dos manifestantes terem ido às ruas em função de um evento que envolvia como elemento central a questão do aumento das passagens, houve uma multiplicidade de identificações colocadas a partir da adesão cada vez maior por parte da população da cidade de São Paulo.

Nos dias que se seguiram durante os protestos, uma miríade de assuntos veio à tona; não havia um consenso do que estava acontecendo e um porquê exato das manifestações. Assuntos diversos surgiram nas discussões: a rejeição aos partidos, característica do apartidarismo divulgado pelo MPL, que se transformou em antipartidarismo, gerando agressões aos partidários que levavam suas bandeiras aos atos; grupos, isolados, mas sempre presentes, que se utilizavam da violência, contra o patrimônio público ou privado ou promovendo saques. As trajetórias e percursos seguidos pelos manifestantes eram sempre definidos de última hora, gerando dispersão em pequenos grupos; jovens com máscaras de Guy Fawkes registrando tudo em celulares e tablets; senhores e senhoras de meia idade, cobrando por melhorias nos serviços públicos; skinheads, punks, bikers e *manos*; todos reunidos, compondo a massa.

No trabalho publicado em 1921, intitulado “Psicologia das massas e análise do Eu”, Sigmund Freud utiliza como base os estudos realizados pelo psicólogo social francês Gustave Le Bon. Freud explicita que, na massa a “superestrutura psíquica” dos indivíduos se desenvolve de maneira diversa, desmontando-se e permitindo que os “fundamentos do inconsciente comum a todos” seja posto a nu (FREUD, 1921, p. 20).

Na massa, o sujeito permite-se ao anonimato, liberando impulso e instintos, que em situações cotidianas não seriam demonstradas. Há o fortalecimento de impulsos, guiados exclusivamente pelo inconsciente (Idem, 1921, p. 25).

No caso das manifestações brasileiras aqui analisadas, o fato de grupos se infiltrarem em meio aos manifestantes revela esse traço instintivo, que o contexto permite extravasar<sup>8</sup>. Os atores envolvidos foram às ruas, em sua maioria, por identificações variáveis, conferindo às manifestações a impressão de uma “organização desorganizada” que, ao final, gerou uma incógnita, inclusive entre os grupos de apoio e de repúdio.

A identificação que proporcionou a adesão dos indivíduos ao movimento corresponde, como define Freud, “às ligações afetivas dos sujeitos em relação ao objeto desejado, por estabelecer uma ligação comum com este objeto” (Ibidem, 1921, p. 65).

O problema que se coloca é que a massa caracteriza-se por um todo amorfo e descontrolado, onde essas identificações se formam a partir de motivações individualistas, ou seja, cada indivíduo muitas vezes buscando seus motivos próprios para estarem no *locus* da ação. No caso tratado, as manifestações perdem ou poderão perder o sentido de ser se, caso as identidades não forem restabelecidas, o movimento resultar no que Freud denominou de “a miséria psicológica das massas”:

Tal perigo ameaça, sobretudo quando a ligação social é estabelecida principalmente pela identificação dos membros entre si, e as individualidades que podem liderar não adquirem a importância que lhes deveria caber na formação da massa (Freud, 2011, p.19)

---

<sup>8</sup> Em 18 de junho um jovem chamou atenção da mídia e da opinião pública, por se envolver na depredação da sede da prefeitura de São Paulo. Portando uma máscara de gás, atirou grades contra as vidraças do prédio e chutes contra a porta. Dias depois foi preso e sua identidade revelada, era um estudante de arquitetura, de 20 anos, filho de empresário. O rapaz se desculpou pelo ato, disse que não pertencia a nenhum grupo e prometeu pagar pelos estragos. Link: <<http://tinyurl.com/pozoyso>>. Acesso em: 25 de Jun. de 2013.



Outro exemplo emblemático é o fato de que a bandeira apartidária do MPL ter se transformado em antipartidarismo, com casos de grupos atacando, de forma violenta, aqueles que portavam bandeiras de seus partidos.

Nos movimentos, as contradições foram surgindo após a última manifestação, ocorrida no dia 20 de junho, portanto, um dia após o anúncio da redução da tarifa na cidade de São Paulo, onde 100 mil pessoas se reuniram na Avenida Paulista. Em meio aos protestos espalhados pela cidade, o foco passou a ser outros assuntos, muitos deles contraditórios aos próprios grupos ditos de esquerda e que apoiavam o movimento. Placas pedindo pela “pena de morte”, “redução da maioria penal” ou ofensas à presidente Dilma Roussef denominado-a de “vaca”, surgiam em meio às multidões que foram surgindo. Não demorou muito para que os manifestantes pacifistas entrassem em confronto com os “vândalos” infiltrados.

Uma rápida busca na rede social Facebook com a palavra “Manifestação São Paulo” mostra o surgimento de pequenos grupos que, sem organização ou bandeiras prévias, montaram suas manifestações locais. O site “Melhor que bacon” abriu um espaço para que pessoas pudessem postar as manifestações que estavam ocorrendo pelo Brasil, com divulgação no Facebook. Entre os dias 16 e 23 de junho, o site contabilizava cerca de 500 manifestações em diversas regiões do Brasil<sup>9</sup>. Algumas manifestações estavam sendo organizadas fora do Brasil e em países como Espanha, EUA, Portugal, Austrália, Itália, Bélgica, Argentina, México, Suécia, entre outros países.

É importante percebermos aí o poder que as redes sociais possuem, ao motivar, de forma deliberada, a formação das massas. Mesmo em um regime democrático, esses grupos podem esconder facetas autoritárias, descompassadas da realidade, criando, assim, cada um, a sua própria ilusão ou sua própria “verdade” do que é certo ou errado. Inicialmente, o coro “nós” pode se tornar, em seguida, a divisão entre “nós” e “eles”, a partir disso, criar situações de ataque recíproco. Esse fator está ligado ao poder agregador das redes sociais no espaço virtual, porém, no isolamento de suas particularidades, esses mesmos grupos passam a ser imbuídos do que Freud denominou como “narcisismo das pequenas diferenças”, pois é possível que um sentimento de amor ligue os pequenos grupos, desde que, segundo Freud, “restem outras para que se exteriorize a agressividade” (FREUD, 1929, p. 60).

Para Sérgio Telles, “os meios de comunicação tornam mais complexa essa equação”, pois eles permitem a organização de “multidões virtuais muito maiores que as

---

<sup>9</sup> Site *Melhor que bacon*. Link: <http://migre.me/fch2b>, acesso em 26/06/13.

reais” (TELLES, 2013). A adesão de internautas a uma determinada manifestação não significa sua presença no local e na hora determinada do evento, mas, a confirmação ou não, exige dele um posicionamento. Resumindo, um sujeito do Rio de Janeiro pode confirmar a presença em uma manifestação em São Paulo, mas o que conta não é a sua presença real, e sim, a virtual, que possibilita um maior destaque ao movimento. Tudo isso também colocado como forma de entretenimento para os usuários do Facebook.

É importante perceber que os meios acessados pelos manifestantes, as redes sociais Facebook e Twitter, transformaram-se em si, a própria mensagem. Jovens em sua maioria se interessaram pelo assunto na medida em que passaram a povoar essas redes sociais, na medida em que os manifestantes nas ruas postavam fotos, vídeos, selfies, memes, hashtags, alimentando-as. Marshal MacLuhan considerará que “é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas” e que o uso e o sentido do conteúdo desses meios são diversos (McLUHAN, 1964, p. 23).

É relevante entender que as redes sociais da internet possuem uma capacidade de produzir o efeito “cascata”, determinado pela ação individual de atores e que evidenciam o grande potencial dessas redes. As informações são produzidas de forma extremamente rápida ou mesmo instantânea, em tempo real, conseguindo superar os meios tradicionais de mídia. Como descreve Raquel Recupero, a disposição dos atores em replicar essas informações está diretamente ligada ao contexto de uma determinada realidade. Há um investimento nas relações, inclusive nos laços sociais fracos, pois este possibilitará aos indivíduos o contato com as informações, na qual ele irá acessar, selecionar e reproduzir conforme interesse específicos, transformando as redes sociais da internet não apenas em redes de comunicação, mas, meios de difusão de informação (RECUERO, 2012).

Essas informações transmitidas de modo instantâneo são descentralizadas e constituídas por laços sociais fracos. Todavia, no caso das recentes-manifestações contra o aumento da tarifa, há uma dimensão que parece ter extrapolado o espaço virtual e que certamente caberão novas investigações a esse respeito. Demonstrando, de um lado, que as novas tecnologias de comunicação na internet possibilitam o desenvolvimento de uma “cultura participativa”, porém, sem o controle de grupos de interesses específicos (BURGES e GREEN, 2009). Por outro lado, há quem desconfie que essas novas de organizações não possuam a mesma eficácia e poder participativo, encontrado nas formas tradicionais de atuação dos movimentos. Muitas críticas são direcionadas ao fato desses movimentos não possuírem uma hierarquia<sup>10</sup> que possibilite a condução das ações e o direcionamento das

---

<sup>10</sup> O Movimento Passe Livre se define como um movimento horizontal, ou seja, não há um liderança e todos podem, a partir do momento em que participam das reuniões promovidas pelo grupo, responder pelo

manifestações; um caráter disciplinar que permita a todos os participantes uma orientação sobre como atuar dentro do movimento; e, estratégias que permitam alcançar objetivos específicos (GLADWELL, 2013, p.3).

### **Análise a partir dos Estudos Culturais**

A análise exposta a partir de uma perspectiva freudiana parece-nos convincente, instalando-se como uma explicação plausível, sobretudo se o objetivo é reduzir os acontecimentos a simples fatos desconexos e motivados por impulsos estimulados a partir da participação contagiante nas redes sociais da internet.

A proposta a seguir é, através de alguns autores relacionados aos Estudos Culturais, oferecer outra perspectiva de análise, com o objetivo de construir uma análise mais abrangente dos fatos. A começar pelo próprio conceito de massa, que nesse caso aparece como uma ameaça, um perigo que deve ser combatido para manutenção da ordem social.

A contraposição a essa ideia surge na conclusão do livro *Cultura e Sociedade* de Raymond Williams, onde ele esclarece que, apesar da substituição do termo *turba* por *massas* ocorrer ao longo de um processo histórico, decorrente da industrialização, sua significância permaneceu a mesma. Todos os atributos negativos permaneceram, porém, desta vez, para ressaltar as massas como uma “ameaça perpétua à cultura” (WILLIAMS, 2011, p. 324).

Williams chama a atenção para o caráter ambíguo do conceito massa, podendo ser apenas uma maneira de observação ou um preconceito. Os preconceitos surgem principalmente, quando as massas passam a exigir uma participação política, colocando em xeque a própria maneira como grupos enxergam a democracia. Na etimologia a palavra democracia significa sistema político em que o povo governa, porém, essa interpretação tem a característica negativa a partir do momento em que se insere o conceito de “democracia de massa”, mesmo que essa massa signifique a maioria. No caso, a maioria estaria ligada a um alcance limitado, suficiente para garantir uma determinada ordem. A concepção que surge do conceito de massa estabelece um grau de separação, pois, representa sempre os “outros” e nunca “nós”, mesmo quando nos encontramos em meio à massa. No caso do aumento da passagem de ônibus, mesmo que a grande população tenha sido afetada, nunca se reconhece a luta das massas como uma luta da maioria, mas sim uma ação de um

---

movimento. Em 11 de julho de 2013, Caio Martins e Mariana Toledo, participei de uma sabatina promovida pelo jornal Folha de São Paulo, onde membros do MPL, ambos com menos de 24 anos de idade e sem cargo ou função definida no grupo.

grupo extremo e descontrolado, aliando sempre com “alguma fórmula conveniente” (Idem, 2011, p. 325/326).

Numa concepção vulgar, a democracia é vista como um consenso organizado e mediado pelo Estado. No caso da região metropolitana de São Paulo, que abriga algo em torno de 19 milhões de pessoas, uma manifestação reunindo 100 mil surge como uma afronta a ordem preestabelecida pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), sejam ligados ao Estado representando um dispositivo controlador e repressor ou às diversas instituições privadas que dominam o aparato ideológico, nesse caso, a mídia tradicional com seus jornais e programas televisivos. Mesmo com a união desses dois aparatos, não há a possibilidade de garantir uma unificação por meio da articulação manipuladora. Nesse ponto, Stuart Hall atesta o avanço no pensamento althusseriano em reconhecer não apenas a “diferença”, mas a “unidade *com* a diferença” (HALL, 2009, p. 154). A democracia pode ser vista como dissenso, muito mais do que uma unidade passiva.

A teoria democrática continua sendo teoria, e esse ceticismo prático faz nascer o ceticismo teórico que está uma vez mais se tornando, mesmo em nossa própria sociedade, perigosamente característico. As conseqüências são insatisfatórias da maior parte dos pontos de vista. Se as pessoas não podem ter a democracia oficial, elas terão a democracia não oficial, em qualquer de suas formas possíveis, desde a revolta ou rebelião armada, passando pela greve “não oficial” ou à restrição de mão de obra, até a forma mais silenciosa e mais alarmante – uma tristeza geral e a ausência de interesse (WILLIAMS, 2011, p. 340)

Raymond Williams caracteriza essa “tristeza geral” a uma resposta ao autoritarismo dos meios de comunicação de massa. Nos dois exemplos citados na primeira parte do texto, – a enquete enviada pelo jornalista sensacionalista e pelo colunista que busca desqualificar os manifestante – a resposta se deu de forma imediata. Em partes, porque o que o que era transmitido pela mídia tradicional não correspondia ao que estava sendo transmitido por quem estava no calor dos acontecimentos, e não somente pelos relatos, mas, pelos vídeos veiculados, que não deixavam dúvidas, por exemplo, sobre a ação truculenta da policia em repressão aos protestos.

A crescente participação da população nas manifestações que se seguiram, incluindo na pauta das discussões uma diversidade de assuntos, demonstraram que a

massa não é tão passiva quanto se espera e que a efetividade do controle dos Aparelhos Ideológicos de Estado deve ser analisada com cautela.

Edward Palmer Thompson, outro nome dos Estudos Culturais, acrescenta importantes considerações a respeito dessa relação de poder do Estado e da burguesia sob a população. Thompson irá mencionar um “campo de forças” onde as disputa ocorre no campo cultural e rebaterá, igualmente, a noção de multidão passiva e ingênua. Na sua análise sobre a *gentry* inglesa e os plebeus, o historiador inglês dirá que, apesar de prevalecer o domínio da *gentry*, nos campos econômicos, políticos e culturais, havia uma cultura dos plebeus que, se não era resistente às formas tradicionais de dominação, tinham um *modus operandi* próprio (THOMPSON, 1998, p. 77).

O desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação de massa, tendo como elemento central a Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), rompe com a ideia monolítica de cultura de massa. Esse modelo encontra-se na gênese dos Estudos Culturais, sobretudo nos trabalhos de Stuart Hall, que criam uma ruptura com o modelo behaviorista, onde o receptor é um sujeito passivo das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação de massa. Fato é que, todos os assuntos discutidos nas redes sociais tinham sua origem nos meios tradicionais, no caso, jornais impressos, rádio e televisão.

Para Stuart Hall, a realidade na forma “discursiva” é traduzida em práticas sociais, para o circuito se completar e produzir efeitos (HALL, 2009, p. 366). A mensagem passa ter significado ou efeito, quando alcança o receptor (audiência), porém, na recepção da mensagem ocorre uma decodificação da mensagem que pode apresentar uma multiplicidade de significados, decorrente das práticas sociais no qual o sujeito se insere.

Antes que essa mensagem possa ter um ‘efeito’ (qualquer que seja sua definição), satisfaça uma ‘necessidade’ ou tenha um ‘uso’, deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada. É esse conjunto de significados decodificados que ‘tem um efeito’, influencia, entretém, instrui ou persuade, com conseqüências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas. (Idem, 2009, 368)

O efeito decorrente da decodificação dos discursos está ligado a outros fatores que merecem uma análise ampla e criteriosa. Nas manifestações, ficou evidente a insatisfação

com a situação política nacional, a população saindo às ruas e criando todo um cenário de debates nas redes sociais não é um caso fortuito, pois tem suas causas bem definidas como, por exemplo, o aumento da passagem e a precariedade do transporte público, um problema característico da cidade São Paulo, onde milhões de pessoas são afetadas.

## COMENTÁRIOS FINAIS

As manifestações que ocorreram a partir do aumento das tarifas desencadearam todo um processo de sentimentos acumulados no inconsciente coletivo, que veio à tona por uma série de fatores.

Entre esses fatores, o texto buscou destacar o papel que as redes sociais da internet tiveram na difusão de mensagens e informações no sentido de propiciar a formação de uma massa que saiu às ruas pelos mais diversos motivos. Muitos, contraditórios às reivindicações iniciais propostas pelo Movimento Passe Livre, no caso, a redução da tarifa de ônibus.

Porém, analisar esses novos acontecimentos, numa sociedade em transição e reformulação de conceitos dentro de sua estrutura, requer, de maneira cuidadosa, uma análise interdisciplinar, onde são apresentadas diversas visões e compreensões de diferentes elementos que se apresentam. Vivemos em um novo momento, que marca um mundo de realidade fluida e, utilizando uma expressão do antropólogo Hermano Vianna num artigo recente, vivemos um “mundo da total complexidade” (VIANNA, 2013).

Na obra *Psicologia das massas e análise do Eu*, de Sigmund Freud, há uma preocupação de mostrar como a ação das massas atua sob o indivíduo, anulando sua identidade e liberando seus instintos. Nessa perspectiva, a massa aparece como um problema a ser combatido, pois sua presença coloca em risco a segurança da sociedade. Porém, na análise dos Estudos Culturais, esse mesmo fato não pode ser analisado de forma tão genérica. Há um contexto político, social e cultural que precisa ser levado em conta para melhor entender a situação, caso contrário, corre-se o risco de cair em respostas fáceis, desmerecendo a atuação de milhões de pessoas, servindo assim, a interesses específicos.

Nas manifestações que se iniciaram no mês de junho, os fatores envolviam a insatisfação geral com problemas do país; a organização de eventos internacionais à custa do dinheiro público; ao posicionamento das mídias tradicionais; ao fenômeno das redes sociais, estabelecendo uma nova rede de comunicação por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação; a própria estagnação da política brasileira, causando a

insatisfação geral; e, aos problemas na oferta dos serviços públicos em geral, sobretudo, em áreas como saúde, educação, transporte e segurança pública.

Não é possível encontrar na massa o simples comportamento desenfreado de uma turba ensandecida, pois os gritos das ruas e das redes sociais mostram um caminho de maior complexidade que precisa, por parte das análises acadêmicas, um diálogo maior entre as áreas de conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURGES, Jean e GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participante transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: ALEPH, 2009.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: **Sigmund Freud Obras Completas, v. 15** (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização** (1929). São Paulo: Penguin Classics, 2011.

GLADWELL, Malcolm. **A revolução não será tuitada: os limites do ativismo político nas redes sociais**. Artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, em 12 de Dez. de 2013, caderno Ilustríssima, p. 3.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação, in: **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

MALINI, Fabio. **A Batalha do Vinagre: por que o #protestoSP não teve uma, mas muitas hashtags**. Matéria publicada no site do Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC), da Universidade Federal do Espírito Santo: <http://migre.me/f8DxC>, acesso em 20/06/13.

McLUHAN, Marshall. O meio é a mensagem. In: **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964

RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. In: Eduardo Vizer. (Org.). **Lo que McLuhan no previó**. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

TELLES, Sérgio. **Massas versus cidadania**. Site Estadão: Abr/2013. Disponível em <<http://migre.me/fcifs>> . Acesso em: 20 de Abr. 2013.

THOMPSON, Edward P. Patrícios e plebeu, in: **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VIANNA, Hermano. **Representações**. Artigo escrito no site do jornal O Globo. Disponível em: <http://glo.bo/154pLSC>. Acesso em: 25 de Jun. 2013.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.